

VASP — a maior frota de jatos Boeing em voo no Brasil

Fotógrafos do Rio em busca de nova entidade

1636

● Ronaldo Luiz

Durante três dias, de segunda à terça-feira última, foram realizadas reuniões e debates no Parque Lage sobre a atividade dos fotógrafos profissionais e amadores do Rio. As reuniões foram abertas a todos aqueles que se interessam pela atividade e contou com a presença de cerca de 150 profissionais e amadores. Essas reuniões foram organizadas por 12 pessoas ligadas à fotografia, em sua maioria profissionais do Rio que, preocupados com a atual situação dos fotógrafos, seu campo de trabalho e dificuldades de colocar seus trabalhos no mercado, pretendem levar à frente uma luta, através de uma comissão tirada entre os participantes.

Essa comissão tirada no último dia das reuniões é composta de cerca de 15 profissionais e tem a função de continuar o movimento iniciado, na defesa e reivindicações da classe, através de uma entidade a ser formada posteriormente um clube de fotógrafos ou uma associação de classe. Ela terá entre outras funções, entrar em contato com fotógrafos que desconhecem esse movimento.

A principal meta é a formação de uma entidade civil de fotógrafos, a exemplo do que ocorreu com a Agraf de São Paulo (Associação de Artistas Gráficos e Fotógrafos); com a Sombrás, na defesa da arrecadação de direitos autorais do músico; do Clube de Cinema, funcionando há mais ou menos dois meses no Rio; do Clube dos Artistas, entre outros.

Todas essas entidades foram formadas para a defesa de suas próprias classes, em virtude da ineficiência de atuação de órgãos já existentes.

No caso específico dos fotógrafos, eles deparam com vários problemas. A alta taxa de material importado, necessário para seus trabalhos e considerado supérfluo e artigo de luxo pelo governo; o monopólio no mercado de artigos para a profissão, por parte da Kodak, que fornece material em alguns casos com defeitos já comprovados por técnicos e profissionais (existem firmas como a Fuji, Agfa e Ilford em condições de entrar no mercado brasileiro); a falta de controle para arrecadação de direitos autorais de fotos reproduzidas, a falta de campo de trabalho e a marginalização da profissão.

O que se vê nessas reuniões e encaminhamentos das reivindicações dos fotógrafos do Rio é que, de uma maneira semelhante, várias outras classes, com os mesmos problemas, também estão se organizando ou já se organizaram. Isso aconteceu com a Sombrás, que depois de várias reuniões elegeu uma diretoria para representá-la na defesa dos direitos autorais dos músicos. Aconteceu também com o Clube de Cinema, formado aqui no Rio; com o Clube de Criação Artística, que lançou a campanha da nacionalização do cartaz de cinema e até com a Associação Estadual de Professores, esta ligada ao seu sindicato.